

TONINHAS E “GUAYRAKAS”: UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PROMOÇÃO DE CULTURA OCEÂNICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA GUARANI

João Miguel Neri Camilo Moreira¹
Naira Rosana Albuquerque²

RESUMO

Este estudo apresenta uma experiência de educação ambiental em uma escola indígena de uma comunidade Guarani-Mbiá, envolvendo os alunos, a equipe escolar e a comunidade, conduzida pelo projeto Toninhas do Brasil (Univille), voltado à conservação da toninha (*Pontoporia blainvillei*). A promoção da cultura oceânica é fundamental para preservar ambientes, formas de vida e culturas de regiões marinhas e costeiras. Entretanto, é incipiente a literatura sobre essa temática na Educação Escolar Indígena de povos Guaranis, apesar da expressiva presença de povos Guarani no litoral brasileiro. Neste contexto, o projeto realizou atividades continuadas de educação ambiental na Escola Indígena de Educação Básica Laranjeiras, na Terra Indígena do Morro Alto, em São Francisco do Sul - SC, voltadas ao fomento da cultura oceânica, utilizando-se a metodologia da contextualização da aprendizagem. Apesar de morarem às margens da Baía Babitonga, que abriga uma população de toninhas, um diagnóstico mostrou que a comunidade não conhecia a espécie. As primeiras atividades, portanto, promoveram interações sensoriais com materiais biológicos e dinâmicas lúdicas, para a apresentação da toninha e da fauna da Baía, de suas características e da importância destes animais para o patrimônio natural e cultural do território. A segunda fase foi a das produções artísticas: toda a comunidade escolar produziu mensagens e desenhos com tintas naturais, colocadas dentro de garrafas. Os artesãos da comunidade confeccionaram maracás e toninhas de madeira. As garrafas e os produtos artesanais fizeram parte dos Baús da Toninha, kits de materiais de suporte pedagógico utilizados por professores em escolas públicas de municípios litorâneos de Santa Catarina e São Paulo. Na terceira fase, os baús chegaram aos alunos, através dos professores que participaram do curso oferecido pelo projeto. Segundo as devolutivas dos educadores e educandos, a aproximação entre o projeto e a escola indígena promoveu oportunidades de criação de vínculos e aprendizado mútuo.

Palavras-chave: Guarani-Mbya, Contextualização da Aprendizagem, Povos tradicionais, *Pontoporia blainvillei*, Baía Babitonga

INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Yvy’ã Yvate (Morro Alto) encontra-se na cidade de São Francisco do Sul, no litoral norte do estado de Santa Catarina, e possui uma área de 893 hectares (Ladeira, 2008). Ocupada por uma comunidade Guarani-M’bya, a área foi oficialmente delimitada e declarada como território indígena em 2009, através da Portaria Declaratória nº 2813, de 21.09.09 (Castro, 2022). Este território encontra-se às

¹ Mestre em Ecologia, Universidade Federal de Santa Catarina - SC, educador e pesquisador no Laboratório de Ecologia e Conservação de Tetrápodes Marinhos e Costeiros – TETRAMAR (UNIVILLE), jmneric@gmail.com

² Mestra em em Patrimônio Cultural e Sociedade, UNIVILLE - SC, comunicadora e pesquisadora no Laboratório de Ecologia e Conservação de Tetrápodes Marinhos e Costeiros – TETRAMAR (UNIVILLE) nairarosanaalbuquerque@gmail.com

margens da Baía Babitonga, estuário que abriga um patrimônio natural e histórico singulares. Com uma área de 7.275 hectares de manguezais, a Baía e seus entornos representam importantes refúgios para a reprodução e crescimento de importantes espécies da biodiversidade brasileira, incluindo espécies-alvo para a pesca comercial do sul do país. Além de São Francisco do Sul, a Baía é margeada pelas cidades de Itapoá, Garuva, Joinville, Araquari, Balneário Barra do Sul e Barra Velha, compondo uma região de crescente urbanização e industrialização (Cremer, 2006).

A região é marcada pela dinâmica da globalização assimétrica, onde decisões em escalas amplas impactam diretamente o desenvolvimento local. O sistema industrial-portuário que opera na Baía Babitonga, historicamente voltado para os mercados nacionais e internacionais, apresenta baixa consideração pelas especificidades ecológicas e culturais locais, o que acarreta efeitos adversos, como a degradação ambiental, o comprometimento de serviços ecossistêmicos e o enfraquecimento das instituições comunitárias que dependem dos recursos naturais da região (Gerhardinger, 2021).

A educação ambiental da população que mora em torno da Baía, especialmente dos indígenas, assume, portanto, um papel emancipatório, sendo entendida como fundamental para uma atuação cidadã plena e crítica e para a influência de políticas públicas de gestão ambiental e patrimonial e promoção do desenvolvimento sustentável do território. A construção e o fortalecimento dos vínculos deste povo tradicional com o seu território também passam por um processo pedagógico crítico, que permita a elaboração da identidade indígena individual e coletiva (Darella, 2004).

O processo de subjetivação pela educação ambiental emancipatória - de construção de sujeitos verdadeiramente ecológicos - traz benefícios para os indivíduos, sua comunidade e para a biodiversidade que os cercam e os permeiam (De Moura Carvalho, 2017). A conservação do Ecossistema Babitonga (EB), ao qual a Terra Indígena do Morro Alto pertence, é estratégica para todo o Bioma Mata Atlântica, e para a garantia da saúde ambiental do território. O EB abriga o último grande manguezal do Hemisfério Sul, com uma produtividade que sustenta centenas de espécies marinhas, configurando-se como um berçário para a vida aquática. A Baía e suas adjacências reúnem restingas, manguezais e florestas ombrófilas densas, ecossistemas essenciais à saúde do bioma Mata Atlântica, além de arquipélagos nos quais habitam e se refugiam diversas espécies de aves marinhas e uma rica fauna aquática. Espécies emblemáticas e ameaçadas de extinção são encontradas na região,

como o guará (*Eudocimus ruber*), o boto-cinza (*Sotalia guianensis*) e a toninha (*Pontoporia blainvillei*), espécie de cetáceo odontoceto endêmica da costa oeste do Oceano Atlântico Sul.

Na Baía, encontra-se a única população de toninhas comprovadamente residente em um estuário em toda a sua distribuição. Esta população é composta por cerca de 50 indivíduos. Isoladas de predadores, como orcas e tubarões, as toninhas encontram na baía um refúgio natural, com abundância de alimento e um ambiente abrigado, especialmente entre as ilhas internas. Essa população apresenta características singulares, distintas das que habitam as regiões costeiras, fato que evidencia a importância da baía para a manutenção desta espécie criticamente ameaçada de extinção no território nacional. As ameaças à toninha incluem uma miríade de fatores antrópicos, incluindo a poluição química e por detritos, a perda de habitats e a interação com redes de emalhe e a diminuição na disponibilidade de estoques de presas. Neste sentido, a conscientização das populações humanas que coabitam regiões costeiras é uma importante estratégia para a conservação da espécie.

Há mais de duas décadas, o Laboratório de Ecologia e Conservação de Tetrápodes Marinhos e Costeiros (TETRAMAR) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) desenvolve pesquisas, atividades de educação e articulação com o poder público, privado e a sociedade civil organizada, em prol da conservação da toninha. Um dos projetos do laboratório, o Toninhas do Brasil, é sediado na unidade de São Francisco do Sul da Univille. O projeto compreende a Baía Babitonga não só como um laboratório natural para pesquisas, mas também como um espaço de confluências entre conservação e o desenvolvimento sustentável com as especificidades culturais e ecológicas locais, promovendo um entendimento ecossistêmico da relação entre seres humanos e o ambiente marinho.

A educação ambiental do projeto trabalha pela promoção da cultura oceânica nos âmbitos formal e não-formal. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a cultura oceânica refere-se ao conhecimento e à compreensão de como o oceano influencia vidas e culturas humanas e, reciprocamente, como as atividades humanas impactam o oceano e suas formas de vida (Santor et al., 2020). Ela envolve a conscientização sobre a importância dos ecossistemas marinhos para o equilíbrio climático, a biodiversidade e o bem-estar social e econômico das comunidades. A promoção da cultura oceânica é um dos pilares da Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável

(2021-2030), ou Década do Oceano, que visa fortalecer a proteção e a gestão sustentável dos oceanos, tornando o conhecimento científico acessível e aplicável para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A promoção da cultura oceânica é entendida como uma estratégia para a conservação de ecossistemas, povos tradicionais, formas de vida e práticas culturais de áreas marinhas e costeiras, o que justifica a onda global pela inserção da temática na educação formal (McKinley, Burdon & Shellock, 2023). Entretanto, a Educação Escolar Indígena (EEI), está à margem deste movimento. A literatura científica apresentando relatos de experiências com cultura oceânica na EEI, especialmente para povos Guarani, praticamente inexistente, apesar da expressiva presença dos povos Guarani ao longo do litoral brasileiro e a relação intrínseca que eles mantêm com o ambiente marinho e suas espécies (Darella, 2004; Ladeira, 2008).

Neste contexto, o projeto Toninhas do Brasil realizou uma sequência de atividades de educação ambiental na Escola Indígena de Educação Básica (EIEB) Laranjeiras, localizada na Terra Indígena do Morro Alto, voltadas principalmente aos alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Finais, mas incluindo também alunos do Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e a comunidade escolar como um todo. O objetivo foi introduzir a este grupo Guarani-M'bya a temática da conservação da toninha e promover a cultura oceânica e o patrimônio natural do território.

METODOLOGIA

Para a construção das atividades, utilizou-se a metodologia da contextualização da aprendizagem, que tem como base o princípio de que o aprendizado se torna mais significativo quando os conteúdos abordados estão relacionados ao contexto social, cultural e ambiental do aluno (Santos et al., 2020). Essa metodologia visa fortalecer a construção do conhecimento a partir da realidade local, tornando os conceitos ensinados mais relevantes para os alunos e promovendo uma ligação direta entre o conteúdo e suas vivências cotidianas.

A contextualização da aprendizagem foi escolhida diante do diagnóstico inicial realizado a partir de consultas aos docentes da escola indígena, que revelou o desconhecimento da comunidade sobre a toninha, espécie de golfinho que habita a Baía Babitonga, localizada nas proximidades. Partindo desse contexto, as atividades foram

organizadas em três fases, cada uma com objetivos e métodos específicos para engajar alunos e comunidade em torno do conhecimento e da conservação da fauna local.

Na primeira fase, foram realizadas atividades sensoriais e lúdicas, onde os alunos tiveram a oportunidade de interagir com materiais biológicos e participar de dinâmicas que apresentavam a toninha e a fauna da Baía. Essas atividades foram planejadas para envolver os sentidos e despertar a curiosidade dos alunos, proporcionando uma introdução prática e acessível à espécie e suas características. Através dessas interações iniciais, foi possível ressaltar a relevância da toninha e de outros animais aquáticos como parte integrante do patrimônio natural e cultural do território indígena.

A segunda fase das intervenções envolveu produções artísticas realizadas por toda a comunidade escolar. Esse processo incluiu a criação de mensagens e desenhos utilizando tintas naturais, que foram posteriormente colocados em garrafas, em uma dinâmica na qual crianças de outras regiões do litoral sul e sudeste do Brasil poderiam se corresponder com os alunos do EIEB Laranjeiras. A atividade prática buscou envolver a comunidade em uma expressão artística ligada ao ambiente e ao patrimônio local, reforçando a identidade cultural do grupo e o reconhecimento da importância ambiental da região.

As garrafas com mensagens fazem parte dos kits de materiais pedagógicos criados pelo projeto, os Baús da Toninha. O programa “Baú da Toninha: um Tesouro Marinho” foi voltado à educação ambiental e inserção da cultura oceânica durante as primeiras etapas do ensino básico. O material faz parte da proposta do curso de extensão e formação continuada “Navegando com Toninhas: Cultura Oceânica na Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos Iniciais”, oferecido pelo projeto para educadores das redes municipais de educação de São Francisco do Sul, Laguna (SC), Caraguatatuba e Ubatuba (SP). Foi construído um Baú itinerante para passar por instituições municipais de ensino de cada uma das quatro cidades, e um quinto Baú é utilizado pelos educadores do projeto em ações de educação não-formal. Cada kit é composto por materiais artesanais, cujos conceitos foram desenvolvidos pela equipe do projeto, inspirados nas metodologias Waldorf e Montessori. Pensado como uma caixa de ferramentas pedagógicas, ele permite que educadores conduzam diversas atividades centradas nas crianças, com apoio do projeto.

O material foi desenvolvido em colaboração com professores, pesquisadores e artesãos locais, valorizando a autenticidade e a especificidade dos recursos para o contexto costeiro e o Tema Contemporâneo Transversal (TCT) Meio Ambiente na

BNCC. Para o Baú, os artesãos da Terra Indígena do Morro Alto esculpiram toninhas em madeira e criaram maracás, para atividades que exploram, simultaneamente, a produção de sons tonais por golfinhos, a ritmicidade e as práticas culturais de povos indígenas.



Figuras 1, 2 e 3 - Materiais confeccionados pelos artesãos indígenas para o kit pedagógico “Baú da Toninha”: a toninha de madeira (1), a garrafa de mensagens (2) e o maracá (3).

Na terceira fase, os Baús da Toninha chegaram aos alunos das escolas participantes, por meio dos professores que haviam passado pelo curso de formação continuada, e uma terceira ação foi realizada pela equipe do projeto. Para este terceiro encontro, foi preparada uma gincana com dinâmicas nas quais os participantes atuavam como pesquisadores do projeto Toninhas do Brasil em um dia de campo na Baía Babitonga, representado por tatames numerados de EVA. Nas brincadeiras, os participantes tinham que identificar as toninhas e aplicar técnicas acústicas e visuais de pesquisa e monitoramento, realizar o desmalhe de um modelo de toninha, resolver

quebra-cabeças e encontrar pares de animais no jogo da memória, retirar lixo do mar, identificar sons de animais, identificar toninhas pela nadadeira dorsal, usar a ecolocalização na dinâmica da toninha vendada, e até correr dentro de um saco que representa uma cauda de toninha.

As devolutivas dos educadores da escola que participaram da experiência foram coletadas em uma reunião online de apresentação de atividades e trocas de experiências, na qual as duas educadoras da instituição inscritas no curso também trouxeram percepções e comentários compartilhados pelos educandos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira atividade de educação ambiental e promoção da cultura oceânica aconteceu durante o Abril Indígena e na semana do Dia Nacional dos Povos Indígenas, no dia 17 de abril de 2023. A ação conjunta foi realizada em parceria pelos projetos de conservação da unidade da Univille de São Francisco do Sul, Toninhas do Brasil, Caminhos do Mar e Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos - Trecho 05 (PMP-BS 05), e articulada pelo setor de comunicação da unidade. Foi realizada uma atividade de educação ambiental e um café da tarde no EIEB Laranjeiras. Todos os alunos e a comunidade escolar (pais e familiares) foram convidados.

A dinâmica pedagógica da ação foi estabelecida em conjunto pelos profissionais dos projetos, estruturada na forma de uma conversa entre as equipes e os participantes, utilizando os materiais biológicos do Acervo Biológico Iperoba como material de apoio, com foco na destinação correta do lixo e nas consequências da poluição urbana para a fauna local. Nesta conversa, a comunidade ensinou à equipe os nomes populares das espécies apresentadas em Guarani M'bya, variante do Guarani falada por eles. A comunidade relatou que eles não tinham uma palavra específica para a toninha, e que não sabiam que ela era uma espécie diferente do boto-cinza. Eles se referem a ambos os golfinhos como “*guayrakas*”, nome atribuído a golfinhos de maneira geral. A atividade foi uma oportunidade única para a interação com a comunidade e para conhecer seus vínculos com o Ecossistema Babitonga e suas perspectivas quanto à conservação e à relação sociedades-natureza.



Figura 4 - Palestra e exposição do projeto Toninhas do Brasil no EIEB Laranjeiras, na Terra Indígena do Morro Alto, em comemoração ao Dia dos Povos Indígenas do Brasil, em São Francisco do Sul, em 17/04/2023.

No dia 21 de julho, foi conduzida a segunda participação do projeto na escola indígena. Nesta vivência, foi realizada uma atividade intitulada “O Sambaqui da Toninha: Desvendando o Passado”. Nela, os alunos foram envolvidos em uma narrativa e convidadas a explorar a paleoarqueologia e a etnobiologia através da caixa do sambaqui, uma caixa preenchida com serragem e conchas de onde podem ser escavados material biológico, representando registros paleontológicos, e brinquedos, representando registros arqueológicos descobertos nos montes de conchas dos povos sambaquianos, construções presentes no município.

Na ação, os alunos puderam interagir com um mapa da Baía Babitonga e da cidade de São Francisco do Sul, e explorar a caixa do sambaqui, com pincéis para limpar os registros e lupas para enxergá-los melhor, tendo a toninha como norteadora desta exploração. A partir da atividade, os alunos puderam compreender o quanto podemos saber sobre o nosso território e as espécies com as quais o compartilhamos ao estudarmos os vestígios de seu passado.

Na dinâmica, houve espaço para que eles trouxessem suas próprias concepções sobre os sambaquis e sobre os itens que dali saíam. A partir desta dinâmica, João conduziu-os a uma reflexão sobre os tesouros culturais, históricos e naturais da nossa

região, e apresentou a eles a proposta do Baú da Toninha. Ele pediu para que as crianças escrevessem mensagens ou fizessem desenhos em pequenas cartas, que seriam colocadas dentro de garrafas que viajariam pelos estados de Santa Catarina e São Paulo e, depois, voltariam para eles, cheias de mensagens de outras crianças do Brasil. A dinâmica continuou com uma atividade artística de pintura de um painel de papel kraft, com tintas naturais de urucum e café. Os participantes, crianças, jovens e adultos, pintaram símbolos de sua cultura e representações da biodiversidade ao redor, além de escrever seus nomes. A vivência se encerrou com uma partilha de comida e a parceria com o EIEB, que se iniciou no quadrimestre anterior, agora estabelecida, com o convite para que educadores da Escola fizessem o curso disponibilizado pelo projeto.



Figura 5 (a e b) - Dinâmica do Sambaqui da Toninha e construção de mural, realizada pelo projeto Toninhas do Brasil no EIEB Laranjeiras, na Terra Indígena do Morro Alto, em São Francisco do Sul, em 21/07/2023.

Em outubro de 2023, em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e com o Instituto Federal Catarinense de São Francisco do Sul, o Toninhas do Brasil participou de uma ação conjunta de coleta de alimentos, roupas e brinquedos para as famílias da Terra Indígena do Morro Alto, povoado Guarani em São Francisco do Sul. O evento de entrega das doações teve que ser adiada devido ao mau tempo, tendo sido realizada no dia 20 de Novembro de 2023. Neste evento, foi realizada uma atividade de educação ambiental com toda a comunidade, em especial, com os alunos da EIEB Laranjeiras. A atividade foi voltada à temática da captura acidental, em observância ao Dia Internacional Pare a Captura Acidental.

O evento também contou com um café da manhã oferecido à comunidade pelas instituições em parceria e com uma apresentação de música e dança tradicional Guarani

dos alunos da Escola, em agradecimento às instituições envolvidas. Na ocasião, a equipe do projeto fez, ainda, uma visita técnica de encerramento do curso “Navegando com Toninhas: Cultura Oceânica na Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos Iniciais”, do qual uma professora e a diretora da instituição fizeram parte.



Figura 6 (a e b) - Dinâmica da caixa da pescaria sustentável ação conjunta de Dia das Crianças - EIEB Laranjeiras, em São Francisco do Sul (SC), promovida pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, o projeto Toninhas do Brasil e o Instituto Federal Catarinense de São Francisco do Sul, em 20/11/2023.



Figura 7 - Representantes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, do projeto Toninhas do Brasil e do Instituto Federal Catarinense de São Francisco do Sul em ação conjunta de Dia das Crianças - EIEB Laranjeiras, em São Francisco do Sul (SC), em 20/11/2023.

No segundo semestre de 2023, duas professoras da EIEB Laranjeiras apresentaram e aplicaram o Baú da Toninha em todas as salas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais da Escola. Enriquecidos com os materiais produzidos pela própria comunidade indígena e com os demais itens didáticos, estas atividades foram uma extensão do conhecimento compartilhado nas ações do projeto na escola indígena, dialogando com habilidades e assuntos trabalhados pela equipe do projeto e promovendo a continuidade da promoção da cultura oceânica. Em suas devolutivas, as professoras capacitadas relataram que a utilização dos materiais do baú proporcionou aos alunos a oportunidade de se conectar com a cultura oceânica e a importância da conservação da toninha, consolidando a aprendizagem e fortalecendo o vínculo com a biodiversidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de três incursões de um projeto de conservação em uma Escola Indígena, da construção de uma parceria entre a escola e o projeto, e das trocas entre a equipe e a comunidade através da educação ambiental, ocorreu um processo recíproco de sensibilização. Ao passo que os profissionais do projeto promoveram a mobilização e a aproximação da comunidade indígena da conservação de uma espécie criticamente ameaçada de extinção e do ecossistema compartilhado com ela, esta equipe também aprendeu sobre os costumes e realidades do povo Guarani-M'bya da TI do Morro Alto e teve a oportunidade de ter vivências e trocar experiências com o povoado. Foi possível, através destas atividades, a construção paulatina de subjetividades e de um simbólico acerca da toninha, espécie sobre a qual o conhecimento prévio do grupo era incipiente. Segundo as devolutivas dos educadores e educandos, a aproximação entre o projeto e a escola indígena promoveu a criação de vínculos e aprendizado mútuo. Este relato de experiência versou sobre a inserção da cultura oceânica na Educação Escolar Indígena de uma maneira que respeite e valorize a cultura, a língua e a identidade Guarani e que os inclua no movimento global pela conservação dos seres — e povos — do mar.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos servidores e ao corpo discente da Escola Indígena de Ensino Básico Laranjeiras e a toda a comunidade da Terra Indígena do Morro Alto (Yvy'ã Yvate). O Projeto Toninhas do Brasil conta com a parceria da Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras), através do Programa Petrobras Socioambiental, e com o apoio da Dolphin Quest.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASTILHO, P. V. Mamíferos Marinhos em Sítios Arqueológicos do Litoral Sul do Brasil. In: Mamíferos Marinhos: **Um Recurso de Populações Humanas Pré-Coloniais do Litoral Catarinense**. 2005. 194 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas - área de Concentração Zoologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2005.
- CREMER, M.J. O estuário da Baía da Babitonga, In: Cremer, M.J., Morales, P.R.D., Oliveira, T.M.N. (Eds.). **Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga**. Ed. Univille, Joinville-SC/Brazil, 2006, p. 15-19.
- CASTRO, Marília Pinheiro Rosa de. **Além do que alcançam os olhos: reflexão sobre paisagens anímicas dos Guarani-Mbya**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.
- DARELLA, Maria Dorothea Post. Territorialidade e territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina. **Tellus**, ano 4, n. 6, abr., p. 79 - 110. 2004.
- DE MOURA CARVALHO, Isabel Cristina. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. Cortez Editora, 2017.
- GERHARDINGER, Leopoldo Cavaleri et al. Diagnóstico socioambiental do ecossistema Babitonga. **Revista CEPSUL-Biodiversidade e Conservação Marinha**, v. 10, p. e2021002-e2021002, 2021.
- LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. EdUSP, 2008.
- MCKINLEY, E.; BURDON, D.; SHELLOCK, R. J. The evolution of ocean literacy: A new framework for the United Nations Ocean Decade and beyond. *Marine Pollution Bulletin*, v. 186, p. 114467, 2023.
- SANTOS, F. A. de L., DANTAS, L. P., NASCIMENTO, M. T. do, MELO, O. P. de A., CARIRI, T. F. A., TRIGUEIRO, E. S. de O., & TORRES, C. M. G. Contextualização da aprendizagem: perspectivas de uma metodologia ativa / Learning contextualization: perspectives of an active methodology. **Brazilian Journal of Development**, 6(7), 43392–43402, 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-089>
- SANTORO, Francesca et al. **Cultura Oceânica para todos: kit pedagógico**. UNESCO Publishing, 2020.